

FILOSOFIA E A ARTE DE ESCREVER: UMA ANÁLISE PIONEIRA DE LEO STRAUSS

ANTONIO CARLOS LUZ HIRSCH

Programa de Estudos em Filosofia Antiga
Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Não tenbas qualquer hesitação, que seus ouvintes não são ignorantes,
nem incrédulos, nem mal intencionados.*

Sócrates, Platão e Aristóteles filosofaram de maneiras distintas, cada um deles manteve uma relação particular com a palavra e com a escrita. Este dado, aparentemente um lugar comum da história da filosofia, esconde uma problemática não tão vulgar. A saber, existe alguma relação entre o estilo discursivo de cada um destes filósofos e a transmissão da tradição da filosofia? Há algum nexo entre os diferentes modos de expressão desta célebre tríade e a maneira como a reflexão filosófica se preservou e chegou até nós? Há um elo possível entre o relacionamento de cada um destes filósofos com a escrita e suas próprias concepções filosóficas? Por fim, a diversidade quanto ao uso da palavra na Filosofia Clássica pode nos dizer algo sobre o modo de falar próprio à filosofia?

Persecution and the Art of Writing (Perseguição e a arte da escrita) é o título de um artigo de Leo Strauss publicado inicialmente em 1941 e posteriormente incluído em uma coletânea de artigos publicados em 1952, em um volume com o mesmo título². O intuito do presente trabalho reside em analisar este artigo a fim de buscar esclarecer questões como as acima formuladas. Tal estudo foi escrito na ocasião em que Strauss se dedicava à pesquisa sobre a filosofia judaica e islâmica no período da Idade Média³. E descobre então que o lugar ocupado pela *Política* de Aristóteles na escolástica cristã, na filosofia judaica e islâmica, é ocupado pela *República* e pelas

¹ PLATÃO. *República*, 450d4.

² STRAUSS, Leo. *Persecution and the Art of Writing*. Chicago: Chicago University Press, 1952. p. 5.

³ STRAUSS, 1952, p. 8.

Leis de Platão. A partir desta constatação, ele observa que a diferença entre as correntes de transmissão do pensamento grego ocasionam diferenças não somente em relação ao conteúdo político, mas também a respeito da filosofia como um todo (*whole of philosophy*)⁴.

O resultado dos estudos de Strauss a respeito da linhagem judaica e árabe da filosofia coloca em evidência o caráter político da filosofia ao oriente, enquanto a tradição cristã ao ocidente, herdeira da perspectiva de Aristóteles, se encontrava manifestamente comprometida com a dissociação entre filosofia, política e religião. Como consequência, a relação entre filosofia e política, seja sob a influência de Platão, seja sob a de Aristóteles, se torna um tema privilegiado de reflexão. Em *Persecution and the Art of Writing* ele é examinado sob a ótica da perseguição política sofrida por um grupo considerável de autores, contraposto a um outro grupo que escapou a esta perseguição desenvolvendo um estilo de escrita que preserva nas entrelinhas uma *terra incógnita*⁵. Para Strauss, certos autores empregam uma técnica de escrever peculiar, circunscrita a um tipo de literatura igualmente peculiar, na qual a verdade é apresentada exclusivamente nas entrelinhas. A esta técnica e a este tipo especial de literatura Strauss associa o que chama de arte de escrever.

No estudo dedicado à *Política* de Aristóteles em *The City and Man*, Strauss é levado a considerar os diferentes estatutos da arte (*tékhnē*) em Platão e Aristóteles. Ele afirma então que Aristóteles, e não Sócrates ou Platão, foi o fundador da ciência (ou filosofia) política como disciplina independente⁶. Mas qual a razão deste deslocamento, se tradicionalmente, pelo menos desde Xenofonte e Cícero⁷, se consentiu que Sócrates foi aquele que trouxe a filosofia “das nuvens” para as coisas da cidade?

Para responder a esta indagação Strauss remete-se à relação entre a arte e a pergunta “O que é X?”. Strauss chama atenção para a questão de que não vem a ser possível responder à pergunta inicial sem se investigar o princípio do todo que está para além de X. Deste modo, Sócrates, para

⁴ STRAUSS, 1952, p. 9.

⁵ STRAUSS, 1952, p. 24.

⁶ STRAUSS, Leo. *The City and Man*. Chicago: Chicago University Press, 1978. p. 21. Lemos então: “Nor Socrates or Plato but Aristotle is truly the founder of political science: as one discipline, and by no means the most fundamental or the highest discipline, among a number of disciplines”.

⁷ XENOFONTE. *Memorabilia*, I. 1. 11-12. CÍCERO. *Disputas Tusculanas*, V. 10. Citado por Strauss em STRAUSS, 1978, p. 13, n. 1.

quem a arte era um presente dos deuses⁸, ciente de que as divindades não tolerariam a intromissão do humano no âmbito do conhecimento divino sobre o todo, com receio de cometer impiedade e notando que sobre o todo não poderia senão afirmar sua ignorância, circunscreveu a filosofia ao campo do humano⁹. Com índole semelhante, Platão considera a *tékhnē* como um elo entre o homem e o divino e se propõe a investigar as coisas humanas entre as que são por natureza (*phýsis*) e não por costume (*nómos*). Nesta perspectiva, a *tékhnē* (e a filosofia) se torna apta a investigar as coisas humanas, dentre as quais a política e a lei destacam-se por seu poder de determinar o melhor gênero de vida para o homem, de modo análogo ao aplicado à pesquisa sobre a natureza, o qual não prescinde da investigação sobre o todo e o princípio que o sustenta. Assim, Platão reserva à arte um estatuto similar ao da filosofia. Ele acredita que a arte pode voltar-se para as coisas que duram sempre, manifestando como o homem pode viver de acordo com a lei e a natureza sem ofender aos deuses.

Como examina Strauss em *On Aristotle's Politics*¹⁰, para Aristóteles as coisas humanas diferem das coisas que são por natureza e não podem ser investigadas pelo mesmo discurso que se dirige às coisas naturais. O discurso próprio à investigação das causas primeiras é a filosofia, e é através deste tipo de discurso – circunscrito à lógica e ao rigor científico – que o homem chega ao conhecimento do todo, do qual as coisas humanas são apenas uma parte. Ora, para sustentar a perspectiva de que a filosofia é exclusivamente teórica, Aristóteles é levado a admitir que a política, voltada para a ação, deve ser investigada por uma disciplina autônoma regida pelos fundamentos da filosofia. De igual forma, a arte para Aristóteles não se confunde com a filosofia, nem pode ter como objeto de investigação as coisas que são por natureza. Desta maneira, a partir da reflexão de Strauss, Aristóteles deve ser apontado como o fundador da filosofia política, mas é a Platão que devemos a invenção da arte de escrever¹¹.

⁸ PLATÃO. *Protágoras*, 321d-322d.

⁹ STRAUSS, 1978, p. 20.

¹⁰ STRAUSS, 1978, p. 13-49.

¹¹ A perspectiva de Strauss vai ao encontro da afirmação do texto anônimo *Prolegômenos à Filosofia de Platão* (5.56), segundo a qual Platão foi o inventor de um gênero literário, o diálogo.

A tradição platônica a oriente

No prefácio escrito na ocasião da publicação de *Persecution and the Art of Writing*, Strauss deixa transparecer que os ensaios reunidos no volume têm como objeto investigar o problema da relação entre filosofia e sociedade (*society*), o que em outras palavras equivale à preocupação de investigar a relação entre filosofia e política¹². A preocupação de Strauss revela uma inquietação sobre a história do pensamento político vinculada à noção de que existe uma maneira de os filósofos expressarem seu pensamento preservando a si mesmos e a própria filosofia, na medida em que desenvolvem uma *arte da escrita*, através da qual não tornam seu discurso acessível a todos ou a qualquer um, mas a um grupo seleto de leitores inteligentes e amigos.

Strauss chega ao problema ao dedicar-se a estudar o período medieval do que ele identifica como filosofia judaica e islâmica. O estudioso deseja restaurar o interesse filosófico pelos autores desta última vertente da história da filosofia política, salvaguardando uma contraposição fundamental entre pensadores como Averroes e Maimônides (o primeiro islâmico e o segundo judeu, ambos de origem ibérica e atuantes em diversos campos do conhecimento, tendo publicado obras respectivamente de orientação islâmica e judaica durante século XII) e São Tomás de Aquino, na vertente escolástica do cristianismo. Ele observa que os estudantes do cristianismo tendem a valorizar seu campo de investigação superestimando sua relevância filosófica, enquanto os que estudam filosofia medieval de origem judaica ou islâmica tendem a avaliar suas investigações dentro de um quadro restrito ao interesse histórico. Divergindo deste senso comum, Strauss encontra motivos para argumentar ser este último campo de investigação rico de interesse filosófico¹³.

Para sustentar a observação de que o lugar ocupado pela *Política* de Aristóteles na escolástica cristã, no islamismo e no judaísmo é ocupado pela *República* e pelas *Leis* de Platão, Strauss sublinha que enquanto a *República* e as *Leis* não apareceram no ocidente senão no século XV, estas obras foram traduzidas para o árabe já no século IX, sendo que dois importantes filósofos islâmicos escreveram comentários aos diálogos de Platão: enquanto Averroes escreveu sobre a *República*, Al-Farabi comentou as *Leis*. Strauss

¹² STRAUSS, 1952, p. 18.

¹³ STRAUSS, 1952, p. 8.

salienta que a diferença entre a tradição medieval Ocidental e a árabe/judaica se faz sentir não tão somente no que diz respeito propriamente ao conteúdo da filosofia política (*the contents of political philosophy*), mas na importância da filosofia política para a filosofia como um todo (*its importance for the whole of philosophy*). Ele anota que para judeus e muçumanos a revelação tem o caráter de lei, mais do que de fé, como é o caso entre os cristãos. Desta maneira, a primeira preocupação dos filósofos judeus e islâmicos a respeito da revelação não foi criar uma série de dogmas a serem adotados pela fé, mas uma ordem social.

Entendida como uma ordem inteligível, pensamentos e opiniões, Strauss comenta que a revelação foi interpretada pelos filósofos medievais judeus e islâmicos como uma ordem política perfeita. Em um lugar intermediário entre a ordem divina e a humana, o filósofo se equipara a um guia e ao mais alto tipo de legislador, capaz de materializar para os homens em forma de lei o ordenamento divino. Ora, raciocina Strauss, uma comunidade guiada ou regida por um governante capaz de entender os princípios mais perfeitos é uma comunidade guiada por um rei-filósofo. O rei-filósofo é por excelência um tema de Platão e não de Aristóteles. Strauss conclui então que, por uma série de razões, a filosofia medieval entre judeus e islâmicos não obedece à influência dos princípios aristotélicos ditados na *Política*, e deve ser estudada como uma variante do platonismo e do princípio do rei-filósofo tal como se encontra narrado na *República*, e do Legislador especial analisado nas *Leis*¹⁴.

O estudo de Strauss se empenha em demonstrar que no ocidente a influência de Aristóteles foi responsável pela difusão da perspectiva de que o filósofo deve voltar-se exclusivamente para a contemplação, cabendo a este aconselhar o governante e não interferir diretamente nas coisas da cidade. Enquanto isso, entre autores que não sofreram diretamente a influência de Aristóteles, a filosofia política não se apresenta como uma atividade totalmente teórica, unicamente voltada para a contemplação, mas entre estes a filosofia também se determina pela ação. De acordo com a argumentação de *Persecution and the Art of Writing*, uma comunidade política não pode compreender a importância da filosofia política a não

¹⁴ STRAUSS, 1952, p. 9-10.

ser compreendendo o seu valor como guia em direção a uma vida melhor. Seguindo o raciocínio dos estudos de Strauss, portanto, podemos afirmar que a condição para uma comunidade política valorizar a filosofia política vem a ser reconhecer, platonicamente, que a filosofia é um modo de se fazer política tendo em vista o que é melhor.

A marca da influência de Aristóteles nos estudos platônicos é constante, da Antiguidade aos nossos dias. Vem a ser interessante notar que os comentadores antigos dos diálogos de Platão sofreram forte influência da perspectiva aristotélica. A análise política não é um tópico que mereceu a atenção dos intérpretes alexandrinos, e ainda hoje acarreta sérias dificuldades aos estudiosos da filosofia. Em um livro recente sobre os primeiros leitores de Platão, Harold Tarrant anota que na Antiguidade a interpretação dos diálogos era motivada somente quando se fazia necessário defender Platão de leituras não amistosas, tal como este teve que defender Sócrates (e a filosofia) contra seus detratores. Os membros da Academia se ocuparam dessa defesa e, no ensejo de esclarecer a intenção do filósofo em seus textos, liam o que ele houvera escrito ao pé da letra. Ainda segundo Tarrant, a leitura não amigável que foi levada mais a sério pelos primeiros intérpretes de Platão foi certamente a de Aristóteles¹⁵.

Como mostra de que o padrão de análise imposto aos *diálogos* pelo cânone aristotélico, segundo o qual a filosofia distingue-se da política, persiste em nossos dias, podemos mencionar o recente livro de Rowe, *Plato and the Art of Writing (Platão e a arte de escrever)*¹⁶. A publicação se propõe a elucidar o enigma que levou Platão a escrever como escreveu sem, contudo, analisar, por exemplo, a influência da condenação de Sócrates ou a relação entre justiça e política. Um simples exame da bibliografia reunida por Rowe, na qual se nota a ausência de Strauss, mostra que seu estudo não considera características elementares da escrita platônica como a dramaticidade, a coalescência entre mito e *lógos* e sobretudo a intenção de fundar um gênero próprio à filosofia. Assim como a obra de Rowe ignora *Persecution and the Art of Writing*, igualmente não considera a reflexão de Strauss em obras publicadas posteriormente, como os ensaios reunidos no célebre volume

¹⁵ TARRANT, H. *Plato First Interpreters*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2000. p. 44-46.

¹⁶ ROWE, Christopher. *Plato and the Art of Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

The City and Man (*A cidade e o homem*)¹⁷, reunindo três artigos dedicados respectivamente à *Política* de Aristóteles, à *República* de Platão e à narrativa de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso. Desta maneira, *Plato and the Art of Writing* pretende analisar Platão como alguém que escreveu filosofia sem se questionar o significado mais exato deste termo nos *diálogos*. Neste aspecto o livro de Rowe alinha-se aos comentários que fazem uso de ferramentas aristotélicas para interpretar Platão, estando assim destinado a tangenciar seu objetivo de analisar Platão para além da superfície do texto.

A origem da arte da escrita

A questão básica de *Persecution and the Art of Writing* reside na manifesta preocupação de Strauss com um enigma constante em certos textos da história da filosofia política. Ele constata que, em um determinado grupo de textos, o emprego de uma técnica peculiar de escrita (*a peculiar technique of writing*) impede que o autor seja perseguido. A perseguição política constitui, aos olhos de Strauss, um fenômeno dominante enfrentado por todo autor que colocar os alicerces da sociedade em que vive em questão. A perseguição é estudada por Strauss quase como uma reação natural à filosofia política quando esta assume um caráter contestatório. Como, todavia, certos autores conseguiram burlar a perseguição da cidade, evitando uma sentença semelhante à que condenou Sócrates à cicuta? Ele ressalta que as razões que levam uma linhagem de pensadores em diferentes períodos da história do pensamento a expressarem-se adotando um determinado tipo peculiar de literatura (*peculiar type of literature*) não são jamais totalmente desvendadas por eles mesmos, o que acaba por revelar um problema da maior magnitude. Embora não tenha sido formulado desta maneira por Strauss, o problema do gênero de discurso próprio à filosofia parece ser a questão fundamental perseguida por ele.

Em *The City and Man* Strauss insiste em sublinhar que Platão escreveu *diálogos* e não tratados monológicos como o fez Aristóteles¹⁸. Esta observação revela o empenho do autor em estudar a mudança de estilo entre os dois filósofos gregos não propriamente como uma mudança cir-

¹⁷ STRAUSS, 1978.

¹⁸ STRAUSS, 1978, p. 21.

cunscrita a uma necessidade literária, mas como uma mudança da maneira de se conceber a filosofia. Strauss desconfia haver um nexo entre uma alteração decisiva do gênero filosófico e a maneira de pensar a filosofia em relação à cidade. Seu objetivo de desvendar o modo de ser da escrita de certos textos fundamentais da história da filosofia política leva o estudioso a investigar se o diálogo de Platão não surge de um princípio de ordem estritamente dialético (uma exigência inerente ao próprio pensamento), como em princípio se considera, mas sim de ordem política. Desta forma, Strauss parece dedicado a mostrar que o enigma da arte da escrita filosófica em sua origem platônica aponta para um fundamento que não se encontra explícito em nenhum diálogo.

Com efeito, o ponto de partida da argumentação de *Persecution and the Art of Writing* transparece em uma passagem do livro V da *República*, citada por Strauss no início de seu artigo. Diz Sócrates esclarecendo a Gláucon sobre a especificidade de seu discurso:

Se eu estivesse confiante em que sabia o que dizia, o teu encorajamento estava bem. Que uma pessoa conhecedora da verdade discuta no meio de pessoas sensatas e amigas [φρονίμοις τε καὶ φίλοις] sobre os assuntos mais elevados e que lhe são mais caros [φίλοις], pode fazer-se com segurança e confiança. Ao passo que, para quem duvida e investiga à medida que está a falar – que é o que eu faço – é temível e escorregadio, não por se expor à troça (o que seria pueril), mas porque, deslizando fora da verdade, atirar-me-ei a terra, não só a mim, mas também aos meus amigos [τοὺς φίλους], em questões em que de modo algum se deve vacilar¹⁹.

Este passo mostra que através dos tempos, pelo menos desde a Grécia Clássica, ou seja, desde a origem da filosofia, nem sempre foi seguro ao filósofo se dirigir aos que estão ao seu redor. Strauss sublinha que Al-Farabi atribuía a Platão a perspectiva de que o filósofo estava em grande perigo na cidade grega, anotando que o pensador islâmico percebe que o status político da filosofia era precário, já que sua legitimidade não era reconhecida²⁰. A passagem acima comprova a procedência do comentário de Al-Farabi. Platão, então, quis ressaltar que o discurso da retórica

¹⁹ PLATÃO. *República*, 450d8-451a4; STRAUSS, 1952, p. 23, n. 4.

²⁰ STRAUSS, 1952, p. 18.

política tem como condição necessária a interlocução mediada pela inteligência (*phronēsis*) e pela amizade (*philia*). O fundador da Academia distingue Sócrates (e a filosofia) da sofística, descrevendo como para o primeiro a verdade constitui um terceiro e indispensável elemento mediador. Além disto, Sócrates – aquele a quem a perseguição política, via a retórica que lhe é própria, não tolerou – se particulariza pelo fato de seu discurso, em estreita dependência em relação ao pensamento dialético, caracterizar-se pela imprevisibilidade e pela espontaneidade que na maioria das vezes o conduz a paradoxos e paranomias.

A proximidade entre *Persecution and the Art of Writing* e o texto da *República* é suficientemente relevante para sugerir que Strauss tem em mãos este diálogo quando tece considerações sobre a arte de escrever. O autor salienta que aquele que a emprega se dirige a conhecidos benevolentes e confiáveis (*benevolent and trustworthy acquaintances*) ou amigos sensatos (*reasonable friends*)²¹ – uma afirmação que remete diretamente ao passo da *República* transcrito há pouco, combinado com o trecho utilizado como epígrafe da presente reflexão, no qual Sócrates é assegurado da qualidade excepcional de seus ouvintes. Platão destaca que o ambiente em que transcorre a narrativa da *República* é formado por ouvintes amistosos, não ignorantes, nem incrédulos nem mal intencionados, prontos a inocentar Sócrates em caso de este ser acusado de algum crime depois de falar a verdade²².

De acordo com o relato de Platão no *Fédon*, Sócrates só se exercitou na escrita no final de sua vida, quando, compelido por um sonho, dedicou-se a produzir música²³. Por outro lado, na *Apologia*, a partir do mesmo molde que cunhou o passo 450d-451a da *República*, Platão sublinha que a oralidade de Sócrates sempre realçou o comprometimento com a

²¹ STRAUSS, 1952, p. 23.

²² PLATÃO. *República*, 450d-451b.

²³ PLATÃO. *Fédon*, 60c-61b. Platão conta que Sócrates teria ouvido em sonho uma voz que o ordenava a fazer música e a praticá-la (nas palavras de Sócrates no *Fédon*: “*mousikēn poiēi kai ergázou*”). Sócrates teria respondido a esta voz produzindo poemas (*poiēsanta poiēmata*) a partir do Hino a Apolo e das fábulas de Esopo. Compor poemas, supostamente escrevendo-os, uma atividade em princípio considerada como uma forma vulgar de fazer filosofia, no momento da morte de Sócrates teria se mostrado como uma maneira eficiente de se purificar. Para um comentário sobre esta passagem e o vocabulário aí empregado, ver n. 18, 19, 29 e 21 em PLATÓN. *Fedón*. Introducción, traducción y notas Conrado Eggers Lan. Buenos Aires: Eudeba, 2006, p. 127-133.

virtude e com a verdade como características fundamentais de sua maneira de filosofar²⁴. Por que Platão teria se aventurado a escrever sobre a investigação de Sócrates logo a seguir à sua execução, correndo sério risco de se submeter à mesma perseguição capital sofrida por ele? Para Strauss, vem a ser preciso examinar a habilidade desenvolvida pelo autor, segundo a qual “a verdade sobre todas as coisas cruciais é exclusivamente apresentada entre as linhas” (*the truth about all crucial things is presented only between the lines*). Segundo Strauss, esta técnica permite que o autor se dirija somente a leitores confiáveis e inteligentes (*trustworthy and intelligent readers only*)²⁵. Seguindo este raciocínio, ele escreve que o autor que deseja dirigir-se somente a pessoas inteligentes (*thoughtful men*) tem que escrever de maneira que somente leitores cuidadosos (*careful readers*) possam detectar o significado de seu texto, alcançando desta maneira todas as vantagens da publicidade sem sofrer a sua maior desvantagem – a punição capital do autor.

Levando-se em consideração a hipótese estudada por Strauss, a condenação e a morte de Sócrates certamente estão no alicerce das palavras que Platão coloca na boca de seu mestre no passo da *República* transcrito acima. Se a perseguição pode ser considerada como uma origem plausível para a compreensão da escrita filosófica de Platão, como sugere Strauss, devemos ter em mente que após a morte de Sócrates a arte de escrever significou para o filósofo ateniense talvez o único modo seguro de ação política – neste sentido, falar entre linhas significa falar e agir politicamente. No tempo em que a *República* foi escrita, não só Sócrates, mas a maioria dos personagens que conversam com ele neste diálogo já havia morrido, poucos deles de forma pacífica. Enquanto uns foram perseguidos e mortos sob acusações políticas, outros foram brutalmente assassinados por razões também ligadas à política²⁶.

O diálogo que empresta voz a tantos personagens perseguidos pretende evitar que este tipo de perseguição seja legitimado. A escrita “entre linhas” assume um caráter ficcional, tornando-se, de uma maneira bastante platônica, uma “nobre mentira” (*noble lie*). Sem mencionar a fonte, Strauss cita palavras da *República* mencionando que ser um filósofo significa, mais

²⁴ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 17a-18b.

²⁵ STRAUSS, 1952, p. 25.

²⁶ NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na filosofia grega*. Trad. Ana Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 120 e 401, n. 1.

do que qualquer outra coisa, odiar “a mentira na alma” (“*the lie in the soul*”)²⁷. Ele considera que um texto escrito com arte faz uso da nobre mentira em consideração à “responsabilidade social” (*social responsibility*)²⁸. A proximidade com o texto de Platão permite a inferência de que Strauss concebe a arte de escrever de acordo com a definição de “mentira útil” lida na *República*²⁹. Este tipo de mentira, que existe somente em palavras e não na alma das pessoas, se define aí como a arte de misturar mentira à verdade quando se ignora onde está a verdade em relação ao passado. Em Platão, a arte de escrever zela para que a justiça não desapareça do debate político. Portanto, o que Strauss diz quando se refere à “responsabilidade social” em termos platônicos significa exigência de justiça.

Por fim, a origem da arte de escrever, de acordo com Strauss, se liga ao desejo de possibilitar a educação de novos filósofos. Ele comenta que os textos exotéricos (nos quais se emprega a arte de escrever) devem a sua existência ao amor do filósofo maduro pelos “filhotes de sua raça” (*puppies of its race*), pelos quais ele deseja ser amado em retorno³⁰. “Todos os livros exotéricos”, conclui Leo Strauss quase afirmando seu alinhamento com Platão, são “discursos escritos por causa do amor” (“*written speeches caused by love*”)³¹.

A arte da escrita

Ao analisar o perigo como causa da arte da escrita própria aos autores que permaneceram imunes à perseguição da cidade, Strauss enuncia dois axiomas básicos. De acordo com o primeiro deles, pessoas insensatas são leitores descuidados, e somente pessoas sensatas são leitores cuidadosos (*thoughtless men are careless readers, and only thoughtful men are careful readers*). A consequência imediata deste primeiro postulado é que um autor que deseje se dirigir somente a homens sensatos (*thoughtful men*) deve desenvolver uma escrita tal que somente um leitor muito cuidadoso possa detectar o

²⁷ STRAUSS, 1952, p. 35; PLATÃO. *República*, 382a-e.

²⁸ STRAUSS, 1952, p. 36.

²⁹ PLATÃO. *República*, 382c-d.

³⁰ STRAUSS, 1952, p. 36.

³¹ STRAUSS, 1952, p. 36. A frase “*written speeches caused by love*” se encontra entre aspas no texto de Strauss.

significado do texto. Em resposta a uma objeção possível a este enunciado, de acordo com a qual poderiam existir homens inteligentes (*clever men*) que seriam também bons delatores, Strauss menciona o princípio socrático de acordo com o qual virtude é conhecimento. Se virtude é conhecimento, conclui Strauss descartando a possível objeção, pessoas sensatas são confiáveis e não cruéis.

O segundo axioma, válido apenas em casos em que a perseguição se der por meios formais, afirma que um autor cuidadoso de inteligência mediana é sempre mais inteligente que o mais inteligente de seus acusadores. Para que a acusação seja bem sucedida, o acusador deve começar provando que o autor é inteligente e bom escritor. O acusador deve ser capaz de provar que o autor em questão possui a arte de escrever, sendo capaz de, entre linhas, comunicar o enunciado objeto da acusação, já que aquele escritor que expressamente desafia a heterodoxia vigente pode ser facilmente alvo de condenação.

Da mesma maneira como Strauss investiga a arte da escrita originada da necessidade de contornar a perseguição política, ele estuda a arte da leitura, responsável pela boa recepção do texto de filosofia política. A arte da leitura constitui um contraponto necessário à arte da escrita, ela é, por assim dizer, o outro lado da moeda da arte de escrever. O primeiro passo que o leitor contemporâneo deve dar em direção ao bom entendimento dos textos da história da filosofia política, segundo Strauss, vem a ser se desviar da tradição hermenêutica racionalista. A influência do racionalismo que se faz sentir através do positivismo característico do século XIX, anota Strauss, vem sendo transformada ou rejeitada por um número crescente de intérpretes. Strauss observa que os estudiosos do século XIX tenderam a propor soluções para problemas inerentes à escrita recorrendo à gênese do trabalho ou mesmo do pensamento do autor. Contradições ou divergências dentro de um mesmo texto, ou entre textos diferentes de um mesmo autor, poderiam então ser apontadas como prova de mudança no pensamento do autor, sendo que se as contradições excedessem certo limite, o texto poderia ser apontado, sem considerações de outra ordem, como espúrio.

Se os filósofos políticos ao longo dos tempos adaptaram sua expressão literária às exigências da perseguição, o bom leitor deve se manter atento a esta característica específica do texto que examina. Strauss reco-

menda para tanto a adoção de três princípios de interpretação, aos quais ele atribui o avanço da pesquisa na área da história do pensamento político³².

O primeiro deles estabelece que cada período do passado deve ser compreendido por ele mesmo, não devendo ser analisado por parâmetros que lhe sejam estranhos. O segundo recomenda que cada autor deva, o tanto quanto possível, ser interpelado por ele mesmo. De acordo com esta recomendação, nenhum termo que não seja passível de ser traduzido na linguagem empregada pelo autor, que não foi usado por ele ou que não pertencia ao senso comum de seu tempo, deve ser usado na abordagem de um autor. Assim sendo, Strauss sublinha que a única abordagem do ponto de vista de um autor que pode ser aceita como verdadeira é aquela que nasce do que ele mesmo expressamente diz (*borne out by his own explicit statements*). Por último, como o mais decisivo dos princípios a serem observados pelo bom leitor, Strauss menciona a necessidade de se “ler entre as linhas” (*reading between the lines*).

Strauss aponta a índole do leitor moderno como sendo aquela que descarta a leitura entre linhas como um trabalho de conjecturas e suposições, ou como uma tarefa intuitiva, à qual, em resumo, falta rigor científico. Strauss enumera algumas regras dirigidas ao leitor que deseje evitar as limitações de caráter racionalista que se fixam em evidências textuais e perseguir a natureza do objeto da filosofia política, lendo nas entrelinhas. A primeira destas regras estipula que a leitura entre linhas deve ser descartada em casos em que for menos exato fazê-lo. De acordo com esta diretriz, a leitura entre linhas deve ser legitimada pelas afirmações explícitas do texto. Devem ser levados em consideração elementos referentes ao contexto da obra, o seu caráter e o seu plano literário. O leitor não deve de forma alguma se dar o direito de apagar ou deixar de dar importância a um passo que julgue confuso, impreciso ou contraditório, ao contrário, deve levar em conta todas as opções que conduzam ao entendimento do texto, inclusive a possibilidade de o autor estar sendo irônico.

Conclusão

Não consta em nenhuma fonte relativa à biografia de Platão que

³² STRAUSS, 1952, p. 26-27.

em algum momento de sua vida houve um plano de fuga tendo por base o perigo iminente de uma perseguição nos moldes da sofrida por Sócrates. Ao contrário, conta-se que a morte de Platão aconteceu em um clima de serenidade quando este se encontrava com idade avançada em Atenas, cidade que originou sua reflexão filosófica³³. Diógenes Laércio consigna que Platão morreu de maneira supostamente prosaica durante uma festa de casamento, acrescentando que ele foi enterrado na Academia, onde passou grande parte da sua vida filosofando, e que a população de Atenas se juntou ao seu cortejo fúnebre, em uma nítida demonstração de apreço³⁴. Se as ideias de Platão não impediram que ele fosse detido e vendido como escravo por Dionísio de Siracusa, por outro lado, não faltaram amigos para salvá-lo de tal situação, reintegrando-o às questões cotidianas de sua cidade³⁵, a qual, em seu modo de pensar, primava pelo mau governo, consequência óbvia do divórcio entre filosofia e política³⁶.

A atitude serena de Sócrates perante a morte e sua indiferença em relação à perseguição deve ser creditada a sua regra de vida invariavelmente atrelada ao exercício da filosofia. Na *Apologia de Sócrates*, Platão faz com que o narrador atribua a pouca importância creditada à morte e ao sofrimento de injustiças à relevância crucial do princípio de não fazer nada de injusto ou de ímpio³⁷. Sabemos pela narrativa do *Crítion* que Sócrates teria se recusado a fugir de Atenas a fim de evitar sua execução. Conforme Platão escreve, a fuga teria sido planejada por um grupo de amigos chegados e rejeitada por Sócrates³⁸. Pelo que podemos deduzir do *Crítion*³⁹, a fuga consistia em uma prática comum em casos de condenações capitais como a imposta ao filósofo. É o que se confirma, quando lemos em fontes que trabalham sobre a biografia de Aristóteles que o estagirita teria aceitado deixar Atenas com

³³ Sobre a morte de Platão cf. RIGINO, Alice Swift. *Platonica: The Anecdotes Concerning the Life and Writings of Plato*. New York: Columbia University Press, 1976 e também BRISSON, Luc. *Diogène Laërce, Vies et doctrines des philosophes illustres, livre III*. Introduction, traduction et notes. 2^e éd. rev. et corrigée. Paris: CNL, 1999, p. 392-393 e 420.

³⁴ DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, V, 2; 40-41.

³⁵ PLATÃO. *Carta VII*, 350a-b.

³⁶ PLATÃO. *Carta VII*, 326a-b; *República*, 473d.

³⁷ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 32d.

³⁸ PLATÃO. *Crítion*, 46b-49a.

³⁹ PLATÃO. *Crítion*, 44b-c.

o intuito de escapar à perseguição política.

Após a morte de Alexandre, o partido antimacedônico se instala em Atenas e, conforme conta Diógenes Laércio, logo é impetrado um processo por impiedade contra Aristóteles. A memória da condenação e execução de Sócrates muito provavelmente foi um fator decisivo para que Aristóteles viesse a optar, ao contrário daquele, por fugir de Atenas. O estagirita escolhe partir para a cidade de Cálcis, na ilha da Eubeia, terra natal de sua mãe, local em que veio a falecer. Através igualmente de Diógenes Laércio, ficamos sabendo que, imediatamente após a morte de Aristóteles, alguns peripatéticos desejaram forjar relatos sobre este acontecimento com o intuito de homenagear o estagirita, comparando as circunstâncias de sua morte à de Sócrates. A mesma fonte, no entanto, preserva outra versão bem menos trágica, mas talvez mais confiável. Segundo esta segunda variante, Aristóteles teria morrido no exílio, na idade aproximada de sessenta e três anos, de doença⁴⁰. Podemos deduzir que os discípulos de Aristóteles que quiseram homenageá-lo tentaram atribuir ao mestre um comprometimento com a virtude, o que consistia em um elemento típico de Sócrates, mas talvez estranho a Aristóteles. Eliano escreve que o fundador do Liceu teria fugido com o propósito de evitar que os atenienses viessem a “pecar uma vez mais contra a filosofia”⁴¹.

Em ensaio de sua juventude, o escritor francês Albert Camus cunhou uma das frases célebres de sua obra; uma sentença, por sinal, bastante pertinente à presente reflexão. Diz ele em conclusão a *A Ironia*, o primeiro texto de *O Averso e o Direito*: “A morte a todos, mas a cada um a sua morte” (*La mort pour tous, mais à chaque un sa mort*)⁴². Ora, no caso dos filósofos gregos, a morte de cada um parece refletir diretamente o estilo de filosofar e a postura peculiar a cada um deles em relação à escrita. O estudo

⁴⁰ NARCY, Michel. *Diogène Laërce, Vies et doctrines des philosophes illustres, livre V*. Paris: CNL, 1999, p. 541-593. Cf. especialmente p. 561, 561 n. 2; p. 563 n. 1; p. 564, p. 564 n. 3, 4 e 5. Na p. 564 n. 5, Michel Narcy menciona uma terceira versão para a morte de Aristóteles, referindo-se a relatos que circulavam na Antiguidade dando conta de que, após a fuga para a ilha de Cálcis, Aristóteles teria se refugiado no templo de Posido e se envenenado a fim de impedir que seus perseguidores obtivessem sucesso em sua captura.

⁴¹ Cf. ELIANO. *Histórias Variadas*, III, 36. Citado em DESCLOS, M L. Introduction. In: ARISTOTE. *Politique II*. Paris: Les Belles Letres, 2002. p. VII-XXX; cf. p. X.

⁴² Cf. CAMUS, Albert. *L'envers et le droit*. Paris: Gallimard, 1958, p. 52.

de Strauss que acabamos de examinar nos permite compreender que Platão foi o único a trabalhar no sentido de desenvolver uma arte da escrita capaz de a um só tempo preservar a filosofia e mantê-lo inserido na vida da *pólis*, a salvo de perseguições que pudessem terminar em uma condenação, como a imposta a Sócrates. De acordo com a análise desenvolvida por Strauss, podemos concluir que a habilidade na arte da escrita possibilitou a Platão defender a coalescência entre filosofia e política até o limite de suas forças e até onde permite a natureza da palavra.

RESUMO

Persecution and the Art of Writing (*Perseguição e a arte da escrita*) é o título de um artigo de Leo Strauss publicado inicialmente em 1941 e posteriormente incluído em uma coletânea de artigos publicados em 1952, em um volume com o mesmo título. O intuito do presente trabalho reside em analisar este artigo a fim de buscar esclarecer questões que dizem respeito à diversidade das maneiras de filosofar na Grécia Clássica. O resultado dos estudos de Strauss a respeito da linhagem árabe e judaica da filosofia no período medieval coloca em evidência o caráter político da filosofia a oriente, enquanto a tradição cristã a ocidente, herdeira da perspectiva de Aristóteles, se encontra manifestamente comprometida com a dissociação entre filosofia, política e teologia. Como consequência, a relação entre filosofia e política, seja sob a influência de Platão, seja sob a de Aristóteles, se torna um tema privilegiado de reflexão. Em *Persecution and the Art of Writing*, este tema é examinado sob a ótica da perseguição política sofrida por um grupo considerável de autores, contraposto a um outro grupo que escapou a esta perseguição desenvolvendo um estilo de escrita que preserva nas entrelinhas uma *terra incognita*. Para Strauss, certos autores empregam uma técnica de escrever peculiar, circunscrita a um tipo de literatura igualmente peculiar, na qual a verdade é apresentada exclusivamente nas entrelinhas. Essa técnica e esse tipo especial de literatura Strauss associa ao que considera como “a arte de escrever”.

Palavras-chave: Filosofia Política. Escrita filosófica. Arte de escrever. Perseguição. Strauss.

ABSTRACT

Persecution and the Art of Writing is an essay by Leo Strauss first published in 1941 and later included in an eponymous collection of related articles published in 1952. My work analyzes this essay in order to identify and clarify issues relating to different modes of philosophizing in Classical Greece. Strauss's essay contrasts the Islamic and Jewish lineage of political philosophy with the western Christian tradition, heir to the Aristotelian philosophy, which is characterized by the dissociation of philosophy, politics and religion. The relationship between philosophy and politics is the central theme of reflection in Strauss's essay. More specifically, Strauss analyzes groups of authors in terms of those who experienced political persecution and those who did not. He argues that authors that averted political persecution developed a style of writing that must necessarily be read 'between the lines'. The central argument of Strauss's essay is that many ancient and early modern political philosophers obfuscated their most radical ideas within their texts. For Strauss, this is what constitutes the art of writing.

Key-words: Political Philosophy. Philosophical Writing. Art of writing. Persecution. Strauss.